

Daniel José Gonçalves
José Aparicio da Silva
Mayco A. Martins Delavy
Organizadores

Desassosse^oos *no Percurso:*

uma reunião dos 4 anos de revista



TODAPALAVRA

editora

Revisão Daniel José Gonçalves
Supervisão Editorial Daniel José Gonçalves, José Aparicio da Silva
e Mayco A. Martins Delavy
Arte da capa Dyego Marçal sobre a obra *Flor de Pascua*,
de M. C. Escher, 1921
Arte da contracapa Dyego Marçal sobre a obra *Flor de Pascua -
Nunca pense antes de agir*, de M. C. Escher, 1921
Projeto gráfico e diagramação Dyego Marçal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Desassossegos no percurso : uma reunião dos 4 anos
de revista / Daniel José Gonçalves, José Aparicio da
Silva, Mayco A. Martins Delavy, organizadores.
-- Ponta Grossa, PR : Todapalavra, 2022. ISBN

978-65-89612-02-5

1. Cultura e sociedade 2. Educação e cultura
**I. Gonçalves, Daniel José. II. Silva, José Aparicio
da. III. Delavy, Mayco A. Martins.**

22-111559

CDD-370.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação e cultura 370.9

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Todapalavra Editora Ltda.
Rua Xavier de Souza, 599
Ponta Grossa - Paraná - 84030-090
Telefones: (42) 3226-2569 / ((42) 98424-3225
E-mail: todapalavraeditora@todapalavraeditora.com.br
Site: www.todapalavraeditora.com.br



Ilustração de
Olivia da Silva
Marsola

OLIVIA

Astro-apagado¹

João Anzanello Carrascoza

Quando ela apareceu, eu resplandecia como nunca, era o dono de quase tudo ali, minhas botas sorviam as terras que eu pisava, eu as arrastava comigo como raízes, por alqueires-e-alqueires, minhas mãos abraçavam o céu, e nele eu ordenava o tom de azul, a configuração das nuvens, a hora da tempestade. Mas, abaixo das minhas camadas, não havia sol nenhum, eu vivia a

¹ Conto originalmente publicado no terceiro volume de Desassossegos, em outubro de 2019.

miséria de estar-presos não ao mundo dos outros, mas ao meu-mesmo, à mentira-máxima que me cabia, como o cinto-de-couro-grosso que eu usava, a fivela no primeiro-furo, a segurar, milagrosamente, a barriga-exuberante. Nos meus olhos, igual o dedo que chama, comanda, obriga, capaz de fazer todos se ajoelharem à minha frente, capaz de extirpar a verdade grudada ao silêncio ou oculta sob a roupa das palavras, nos meus olhos tão verdes, que até as folhas-das-árvores invejavam, nos meus olhos tão-seguros-de-si, ela, já na primeira ancoragem, viu na luz que emitiam o meu pedido-de-socorro. Desde o instante em que ela apareceu, como se egressa do nada, e disposta a tudo, eu soube que não vinha pelo meu gado, pelas minhas lavouras, pelos meus tratores, pela minha usina de álcool-e-açúcar, vinha simplesmente por vir, certa da minha avidez de moenda, da lâmina em brasa do meu desejo, do saara que as patas dos meus cavalos semeavam, vinha simplesmente pela minha (contraditória) natureza. E vinha não para me salvar, como a agulha-da-bússola vem ao imã, a água-doce ao rochedo, o osso-do-ombro à cruz. Quando ela entrou na casa-grande, quase sem tocar os degraus da escada, como se erguida pela música das esferas, o assoalho da sala – maculado com o barro de meus passos e o ferro de minhas esporas –, abriu-se feito um oceano aos seus pés, humildes e pequenos na sandália rasteira; os tapetes se enrolaram, vermelhos, a um canto dos cômodos, já sem serventia; as fotos dos meus erros amarelaram nos porta-retratos sobre os móveis; as janelas, às avessas, mostraram à paisagem lá fora a vida que dentro vicejava; os espelhos multiplicaram,

em seu caminhar pelos corredores, o meu rosto de espanto. A sua chegada me acendeu uma fogueira, a sua voz me deu fome de canção, o seu corpo ao passar regava o meu olhar seco, os seus lábios cerziam a minha carne rasgada, a sua língua serpenteava pela minha pele – enquanto eu batia a cabeça na quina da razão! –, a sua boca de café me tomava de assalto com beijos inesperados de manhã, os seus gestos me lançavam entre a fé e o milagre. Quando ela apareceu, a água-da-nascente começou a ter sede da minha garganta, os meus ouvidos rugiam quando a espada de sua voz se desembainhava do silêncio. Movediça se tornava a areia que eu percorria com as pedras dos meus pés, abertas se tornavam as rosas que eu colhia com os espinhos de minhas mãos, quando ela apareceu. O seu jeito-fugidio passou a durar em mim o dia todo, o mundo queria me viver, eu precisava de cada uma de suas partículas que esvoaçavam, como poeira, à luz-do-sol, quando ela apareceu. Quando ela apareceu – e, em pouco tempo, alargou os meus estreitos –, eu já havia desistido de ouvir nas ondas do mar no meu sangue, eu queria continuar me esgotando às minhas margens, eu só admitia a inundação dos meus desertos. Quando ela apareceu, eu deixei de mastigar, grão-a-grão, a minha vontade de exílio, eu retrocedi um passo e saí do fogo em que me afogava, eu me transformei na tarde anterior à noite que eu era, eu não mais velei o sono das belas-adormecidas nem saltei do meu cavalo de príncipe-desencantado; eu voltei, de repente, a me sentir um menino, mirando o voo dos pássaros, quando ela apareceu. Quando ela apareceu, o universo-se-refez-em-meu-ser, com todos os seus astros, as suas constelações e as suas nebulosas. Mas um dia – era o destino – ela-desapareceu.